

## APRESENTAÇÃO

Como o leitor verá, a solidariedade é abordada nesta edição menos como um tópico de filosofia moral do que como uma prática social e institucional e, assim sendo, ponto crítico da agenda política. A solidariedade estaria em declínio no Brasil contemporâneo, ou na verdade sofrendo mutações profundas, sem deixar de ser solidariedade? E o que dizer da Economia e seus reflexos na vida social? Terá o chamado “Capitalismo Coordenado Alemão” sofrido tais modificações nos últimos anos a ponto de perder, entre outros, seu foco na solidariedade? E o que dizer, num balanço mais geral, das mudanças ultraliberais na ordem internacional que puseram em xeque a concertação das grandes potências aliadas logo após a Segunda Guerra Mundial?

Por outro lado, como avaliar, do ponto de vista da solidariedade, os ideais da “democracia cosmopolita”, teoria política que vem ganhando impulso no esteio das reflexões sobre as conseqüências da Globalização? Os arranjos constitucionais que deram base legal ao Estado de Bem-Estar, por sua vez, desenfatazaram o caráter exclusivista da propriedade, aparentemente dando lastro jurídico a noções de solidariedade em contexto capitalista. No Brasil, essa idéia ganhou força na Constituição de 1988 através da fórmula da “função social da propriedade”. Mas qual a melhor interpretação sociológica que poderia ser dada à fórmula?

Dois artigos mais completam essa edição: um deles apresenta modos de a teoria sociológica se aproximar do problema da inovação e da tecnologia, e o outro propõe uma interpretação na qual a filosofia da ação comunicativa de J. Habermas, e não o neoliberalismo de F. Hayek, desponta como legítima herdeira do liberalismo histórico.

**O EDITOR**